

GABRIELA MISTRAL: NARRAÇÕES, NOSTALGIA E VIDA DESDE O AUTOEXÍLIO

Carola Gabriela SEPÚLVEDA VÁSQUEZ*

- **RESUMO:** Gabriela Mistral, professora, escritora e intelectual chilena (1889-1957), atuou como consulesa do Chile no Brasil entre os anos 1940 e 1945. Este trabalho estuda especialmente seus textos conhecidos como “Recados”, tentando compreender a autora como narradora, em sentido benjaminiano (1994) – seus escritos se apresentam como amálgamas de experiências e, em termos metafóricos, como formas de resistência, visto que funcionaram como maneira de prolongar a vida da autora na nostalgia e no deslocamento do autoexílio. Foi, também, pelas narrações que Mistral gerou vínculos com outros(as) e se comprometeu na produção de novas gerações – neste caso, de forma simbólica, como professora, intelectual e “contadora de pátria”.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Gabriela Mistral; narrações; recados; nostalgia; autoexílio.

*Ha ido alabando cada una de las substancias de Chile,
desde el arrebatado mar Pacifico
hasta las hojas de los últimos árboles australes.
Los pequeños hechos y las pequeñas vidas de Chile,
las piedras y los hombres, los panes y las flores,
las nieves y la poesía han recibido
la alabanza de su voz profundísima.
Ella misma es como una parte de nuestra geografía,
lenta y terrestre, generosa y secreta.
(NERUDA, 1997, p. 60).*

Mistral narradora: notas introdutórias

Gabriela Mistral, professora, escritora e intelectual chilena (1889-1957), primeira pessoa a receber o Prêmio Nobel de Literatura em América do Sul (1945), desenvolveu um tipo de escrita particular, os Recados, textos em prosa e em verso, publicados entre 1919 e 1952, que tinham por títulos: *Encargos, Mensagens, Recados, Comentários, Chamados, Palavras, Falas*; ou, simplesmente, iniciam-se com expressões como: “Algo sobre...”, “Sobre...”, “Resposta a...”, “Carta a...”. Nos recados, Mistral critica, parabeniza, adverte e entrega tarefas ao leitor, sempre em um tom íntimo e cheio de emoção: familiar, elogioso ou, às vezes, de censura (GRANDÓN, 2009).

* Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Departamento de História. Foz do Iguaçu – PR – Brasil. 85866000 - carolasepulvedavasquez@gmail.com.

Artigo recebido em 20/03/2021 e aprovado em 10/07/2021.

Nos Recados, Gabriela Mistral pode ser lida como uma *narradora*, em um sentido benjaminiano (BENJAMIN, 1994), isto é, como essa pessoa que tem a faculdade de trocar experiências.

Entendo experiência “no sentido forte e substancial do termo, que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição, retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho” (GAGNEBIN, 2001, p. 84).

Considero interessante destacar que, em muitas narrativas, Mistral falou como se contasse um conto, como os que se ouvem quando criança, dos avós e das avós, dos pais, dos mais velhos. Foram essas falas que Mistral ouviu na infância – falas da tradição, dos cantores populares chilenos, das mulheres camponesas, dos homens e das mulheres que buscavam, na rima e no verso, uma forma de expressão e transmissão de suas experiências.

Nos seus relatos, Mistral reconhecia que a oralidade que ela conheceu vinha dos cantores anônimos de sua terra e de sua família: sua avó, seu pai e sua mãe. Sobre os relatos desta última, a autora dizia: “*y a la par que mecías, me ibas cantando [...] En esas canciones tú me nombrabas las cosas de la tierra: los cerros, los frutos, los pueblos, las bestiecitas del campo, como para domiciliar a tu hija en el mundo*” (MISTRAL, 1999b, p. 35). Já sobre a influência de sua mãe, dizia: “*todos los que vienen después de ti, madre, enseñan sobre lo que tú enseñaste y dicen con muchas palabras cosas que tú decías con poquitas; cansan nuestros oídos y nos empañan el gozo de oír contar*” (MISTRAL, 1999b, p. 37).

Foram esses relatos que aproximaram Mistral das narrações, pois “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Considero que esses narradores de sua família, de sua localidade e de seu país natal representaram uma forma de educação para Mistral, visto que, graças a eles(as), a autora viveu experiências de formação muito significativas fora da escola, que a marcaram profundamente e que se converteram em referentes na hora de pensar as práticas educativas: “*el genio de contar, que para mí vale más que el de escribir, porque equivale a la toma de un moulage angélico sobre las criaturas y cosas sin perderles brizna, es virtud rarísima en nuestros pueblos de tradición oral ya desangrada y en agonía*” (MISTRAL, 1979a, p. 130, grifo no original).

Em “O narrador”, Benjamin (1994) identificou dois tipos de narradores: aqueles que viajam muito, e por isso têm muito para contar, e aqueles que, sem sair do país natal, conhecem histórias e tradições de sua terra, pois são produtos da permanência no lugar. Retomando essas categorias, leio Mistral como uma narradora, pois ela possui as características dos dois tipos de narradores descritos. Como já indicamos, Mistral foi uma mulher que muito aprendeu em suas várias viagens, mas ao mesmo tempo foi, também, uma permanente aprendiz de histórias e de tradições de seu país natal, no período em que nele morava e no período de autoexílio¹. Acredito que foram essas experiências que

¹ Quando Gabriela Mistral falava sobre sua estadia fora do Chile, período que compreende entre 1922 e sua morte, em 1957, utilizava a palavra “autoexílio”. Segundo minha interpretação, para destacar que sua saída do país natal correspondia a uma escolha. O “autoexílio” deixou marcas profundas na vida e na produção de Mistral, influenciando as temáticas de suas obras, de suas memórias e de seus esquecimentos.

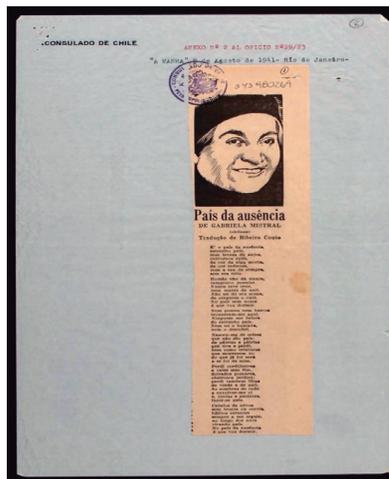
Mistral tentou transmitir em sua escrita, inventando novas formas de existência que lhe permitiram resistir à distância do autoexílio, algo que reconheço durante sua residência no Brasil (1940-1945), quanto atuou como consulesa do Chile:

Cuando me viene a los sentidos el hambre de la patria corporal, se me ponen delante los rasgones de tal o cual quebrada o se me echan a los pies las lonjas de nuestra costa majada por el Pacífico. Estos lugares que la memoria me trae y me “sirve” por aplacarme las hambrunas, están casi siempre bueros de gente. Los he caminado con pocos, casi con nadie, sola de niña y de mujer, y no por enfurruñamiento, sino porque mi generación era poltronísima; el gusto y la pasión de mascar la Tierra con la marcha ha venido después y es lo mejor adquirido por el chileno. (MISTRAL, 2004a, p. 191).

Nessa experiência fora do país natal, o ato de escrever representou uma morada para Mistral, um espaço onde habitar, pois, como dizia Adorno (*apud* SAID, 2003, p. 315): “o escritor ergue uma casa [...]. Para um homem que não tem mais uma terra natal, escrever torna-se um lugar para viver”. Foi nessa escrita que a autora se relacionou com outros(as) e com seu *país da ausência*.

Apresento, logo abaixo, uma foto da publicação do Poema de Mistral, “País da ausência”, publicada no Jornal *A Manhã*, no dia 9 de agosto de 1941. Entendo este poema como uma representação da relação de Mistral com o Chile. Nessa direção, Pizarro (2005) indica que autores como Grínor Rojo falaram sobre a impossibilidade de Mistral para estabelecer uma relação amorosa, se não for com um ausente. Ainda segundo Pizarro, isso também ocorre no caso de seu filho, e vejo que essa é uma leitura coerente também para sua relação com o Chile, pois, nessa ausência (autoexílio), Mistral conseguiu se relacionar com seu país natal por meio de sua preocupação constante e de sua escrita.

Foto 1 – Tradução do Poema “País de la ausencia”, de Gabriela Mistral



Fonte: (PAÍS..., 1941).

Cecília Meireles, escritora brasileira e amiga de Mistral, escreveu um texto intitulado “Un poco de Gabriela Mistral”, onde reconheceu a riqueza da fala da autora chilena e valorou o significado das viagens e da pátria natal nas suas narrações:

Gabriela era una gran conversadora. Podía hablar durante muchas horas seguidas. Generalmente su conversación se transformaba en monólogos, ya que había mucho mayor interés en oírla que en interrumpirla. Tenía un enorme repertorio de cosas oídas y vividas. Su contacto personal con las más eminentes figuras del mundo le permitía hacer observaciones llenas de interés sobre escritores, grupos literarios, hombres y cosas de esa época tan llena de convulsiones. Cuando la conversación recaía sobre Chile, y más precisamente sobre su valle de Elqui, el ambiente se volvía emotivamente denso.

El valle de Elqui simbolizaba su infancia, sus primeras amigas - tal como lo cuenta cantando en uno de sus libros -, sus parientes, algo extravagantes, sea porque así fuesen o porque apareciesen desfigurados en su visión poética que, al darles un aire onírico, los hacía emerger de su recuerdo como figuras casi míticas. (MEIRELES, 2005, p. 12-13).

Da nostalgia do chile

Essas experiências de viagens e sua relação com o Chile definiram muitas táticas de escrita, temáticas e formas de circulação dos textos de Gabriela Mistral. O mesmo pode ser dito de seu compromisso como intelectual, pois tudo o que essas experiências lhe permitiram escrever a converteu em uma *contadora de pátria*:

Los contadores de patrias cumplen de veras un acto de amor: el amor antiguo y el medieval iban del encantamiento al furor en un ejercicio pendular, cosa que no pasa con el pobre amor moderno [...]

[...] Me gusta la idolatría de la tierra que está en todos los folklores, y no sólo es que la entiendo, sino que la vivo a plena anchura. La tierra fue siempre el gran ídolo, como que ella es la bandeja en que se asientan todas las demás adoraciones humanas. (MISTRAL, 2004b, p. 60-61).

Segundo Sonia Montecino (2004, p. 2, grifo nosso), Mistral tinha a “necessidade de contar as pátrias”, entendendo isso como um dever, pois Mistral sabia que “[...] *los relatos colectivos, al igual que los individuales, son claves para construir un sentido, para otorgar una dirección a la existencia, para configurar un antes y un después, en definitiva, para que los mitos y ritos de una comunidad tengan significado y se transformen en experiencia compartida.*”.

Montecino (2004, p. 2, grifo do autor) ainda nos diz:

Podría, sin duda, esta propuesta mistraliana leerse como una especie de “nacionalismo”, “chauvinismo” o, en términos actuales, como de etnocentrismo; sin embargo, dista de esos adjetivos en la medida que ella se instala en lo que denominaríamos hoy como una

“crítica cultural”, porque esa patria que se propone contar no es de ninguna manera idílica, complaciente ni apegada a los clichés de lo “políticamente correcto”; más bien es la propuesta de un relato que se va hilvanando en lo que no se habla, lo que se vela, las historias de los excluidos, de las clases subalternas.

Reconheço em Mistral uma atitude crítica, pois a escrita da intelectual foi bastante transgressora dos modelos de gênero, etnia e classe, o que lhe significou ser considerada, muitas vezes, como inadequada. Isso foi marcado, também, pelo fato de que ela foi incluindo, visibilizando e trançando aquilo que não se falava, ou seja, essas histórias dos excluídos.

Seguindo na análise da escrita mistraliana, considero que a nostalgia pode ser considerada um elemento significativo para a compreensão dos Recados, visto que seria um sentir que acompanhou a autora durante sua vida fora do Chile. Nesse sentido, entendo a nostalgia, em Mistral, a partir da elaboração de Falabella (1997, p. 81, grifo do autor), ou seja, como *“memoria dolorosa, la que cumple con la función de asegurar la mirada hacia atrás, acto mediante el cual se establece la reelaboración de la idea del presente, cuyo desplazamiento es constante”*. Sinto que, com esse olhar nostálgico, Mistral (1978, p. 87) lembrava-se do Chile e olhava para as experiências que vivia no Brasil: *“Diez días he vivido en la ciudad bien nombrada, que tiene el horizonte espacioso, para holgura de las vistas y del alma; que, por tener el aire seco y agudo, me ha hecho recordar la bocanada que respiramos en los Andes”*.

Com nostalgia, Mistral construiu seus Recados, que incluíram marcas, memórias, movimentos e tensões, que, segundo Pizarro, formaram parte da personalidade da autora. Algo que podemos reconhecer em sua estadia no Brasil:

[...] la estadia brasileña pone en evidencia los descentramientos identitarios de la escritora chilena. Es decir pone en evidencia los costos a nivel personal en tanto desestructuración, tensiones, egocentrismos, dificultad de comunicación a ciertos niveles, incluso elementos de megalomanía, también rasgos de tinte paranoide. Elementos de su personalidad que han sido el costo de construirse como Gabriela Mistral. Es decir, lograr vencer todos los obstáculos de medio social, de género, de su perfil mestizo para llegar a tener un espacio en un país negador de los elementos de su identidad, del que se siente obligada a salir para lograr perfilarse ella misma y tener una tribuna a nivel internacional. Lejos del personaje ejemplar, modélico que se nos había entregado, Gabriela aparece aquí como un personaje victorioso en el destino que se ha asignado y al mismo tiempo profundamente dramático, trastrocado y tensionado por los costos que ha significado para una mujer en su tiempo y en su medio haber llevado adelante el proyecto de Lucila². (PIZARRO, 2005, p. 92-93).

² Gabriela Mistral é o pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga. Retomamos a formulação feita por Ana Pizarro, que indica que Gabriela Mistral, mais que um pseudônimo, seria um heterônimo, ou seja, uma espécie de *alter ego* ou outro “eu”, em que Gabriela seria o projeto de Lucila, humilde professora rural do Vale de Elqui. Gabriela iria nascendo de Lucila, negando-a e incluindo-a ao mesmo tempo, com suas estratégias, sucessos e perdas.

Entendo a escrita mistraliana, também, como uma possibilidade de recordação, pois, nessa distância geográfica, a autora, por meio de seus estudos e reflexões sobre o Chile, aproximava-se de seu país natal, tendo em vista que

[...] não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências. (ASSMANN, 2011, p. 166).

Em um texto intitulado “Recado sobre la cordillera”, elemento muito significativo na escrita de Mistral – provavelmente, pela presença deste elemento em sua terra natal, onde chega a apresentar alturas de mais de 6.000 metros acima do nível do mar –, ela evocou imagens nostálgicas de seu povoado, por meio do uso de imagens geográficas e musicais. Além disso, no mesmo texto, autodefine-se como uma pessoa marcada pela infelicidade e pelo nervosismo:

La voz del agua precipitada que en los llanos poco se conoce, se vuelve tan rica y compleja, tan mudadora de sus tiempos musicales; tan llena de turnos sorpresivos, que un músico novato no se dormiría en toda la noche por no perderse la lección de los ecos y el embrujamiento que va creando de más en más en el escuchador. A mí, por contraste, despeño del agua y la ronda de los ecos, me sorprendía primero, me habituaba pronto y luego me hacía dormir ni más ni menos que una canción de cuna un poco salvaje, por recia, pero en todo caso bastante buena para mí... Me dormía, rendida del propio gozo, trabajada como una materia, por el estruendo rítmico y se me ocurre que sonriendo a la Madraza de piedra, que halla manera de adormecer a su hija espuria hecha, al revés de ella, de carne infeliz y de nervios medrosos. (MISTRAL, 2004c, p. 127).

Das narrações e a vida

Como consta na epígrafe deste artigo, que recolhe as palavras de Pablo Neruda, Mistral foi elogiando cada uma das substâncias do Chile, chegando a ser ela mesma parte da geografia, sendo esta última, uma das áreas que fascinou a autora durante a etapa em que morou no autoexílio. Sobre os livros de geografia, ela dizia:

Les confieso ingenuamente que estos libros son a esta hora mis preferidos. Los ausentes vivimos mascando imágenes para no desnutrirnos y acabar en la hambruna de la Patria visual, de la auditiva y de la táctil.

(Yo pido perdón de no haberles traído aún estos libros esenciales para ustedes. Ya los mandaré. No puedo soltar los que tengo. Tal vez caería en ceguera y sordera chilena y eso sí se llamaría destierro). (MISTRAL, 1999a, p. 203).

A continuação, apresento uma foto, publicada no dia 8 de julho de 1943, no Jornal *A Manhã*, em que aparece Mistral, em Petrópolis. A foto mostra Mistral com alguns livros,

entre eles, um com o título *Chile*. Dessa forma, representa e faz circular uma imagem de Mistral como estudiosa do país e, ao mesmo tempo, faz propaganda dele e estimula o interesse pelo seu conhecimento.

Foto 2 – Gabriela Mistral e seus livros sobre o Chile



Fonte: (A GRANDE..., 1943).

Said (2003), ao analisar *As mil e uma noites*, reconhece como as narrações se converteram em uma forma pela qual Sheherazade, a protagonista, conseguiu prolongar sua vida com o som contínuo da voz humana:

O som contínuo da voz humana funciona como uma garantia da continuidade da vida humana; da mesma forma, o silêncio está associado à morte, exceto se, como no caso de Sheherazade, ela puder prolongar a vida não somente recitando seus contos maravilhosos, mas também produzindo fisicamente uma nova geração. Isso ela consegue ao longo de sua imensa narração: ficamos sabendo, na conclusão, que ela deu três filhos a Shahriar como meio de provocar sua misericórdia. (SAID, 2003, p. 260).

Said reconheceu que, nesse tempo em que a mulher narrava, ela teve três filhos, como meio de provocar a misericórdia em Shahriar e prolongar sua vida, contribuindo com isso na produção física de novas gerações. Penso que uma leitura possível seria pensar na união e no vínculo que as narrações geram entre as pessoas – pensar, por exemplo, que Shahriar, *encantado*, não se atreveu a dar morte à mulher porque estava unido a ela por meio dessas histórias.

Sinto que podemos dizer, em termos metafóricos, que os Recados de Gabriela Mistral foram formas de resistência, como as narrações de Sheherazade, visto que funcionaram como maneira de prolongar a vida da autora no deslocamento do autoexílio.

Foi, também, pelas narrações que Mistral gerou vínculos com outros(as) e se comprometeu na produção de novas gerações – neste caso, de forma simbólica, como professora e como intelectual: “*Y yo, la distraída, la de oficio de silencio, me hago más la que no pisa, la que no respira, la toda oídos, para que ellos – mis niños, mis hijos – me colmen los entresijos y la sangre con nueva primavera*” (MISTRAL, 1979b, p. 61, grifo nosso).

Foram essas experiências que Mistral entregou nos Recados, posicionando-se como professora e velha, sendo significativo o último qualificativo, pois, na maioria das vezes, a velhice se relaciona com experiências:

El Rotary Club de Bogotá me pidió un “mensaje” sobre la infancia: yo no podía hablar ni brevemente ni con sobra de mansedumbre en esta ocasión y les mando este “recado” un poco violento, pero más que eso dolorido. El problema me “arrebata”, a causa de lo que seguí la vida entera sin ver nunca su solución. La vieja maestra vacía aquí su experiencia como el caldo quemante de una vendimia que no fue de racimos dorados sino de ásperos agraces. (MISTRAL, 2002, p. 174-175, grifo nosso).

A velha maestra continua vazando sua experiência: algumas reflexões

Nas páginas anteriores, busquei compreender a escrita de Gabriela Mistral, durante o período em que morou no Brasil, como narrações, em sentido benjaminiano, em que a autora constrói seus escritos como amálgamas de experiências, e em termos metafóricos, como formas de resistências, visto que funcionaram como maneira de prolongar a vida da autora na nostalgia e no deslocamento do autoexílio, gerando vínculos com outros(as) e se comprometendo com a produção de novas gerações – neste caso, de forma simbólica, como professora, intelectual e “contadora de pátria”.

Sem dúvida, existiriam diferentes espaços de análises e de aproximação para essas narrações mistralianas, visto que “nas narrações são articulados processos de autoconhecimento, de formação e de produção de conhecimentos” (MORAES; LUGLI, 2010, p. 12). Seguindo esta leitura, podemos sinalar que, na escrita dos Recados, articularam-se diferentes processos que reconheço como resistências, pois permitiram à autora lidar com a nostalgia e afrontar seu chamado autoexílio, possibilitando movimentos e a construção de uma escrita em coletivo, conectando pessoas, espaços e tempos que lhe permitiram comunicar-se por meio dessa escrita (ANDERSON, 2008).

Assim afirma Clarice Nunes (2009, p. 107): “Essa prosa de Gabriela fez dela uma escritora comprometida com o mundo em que viveu; os lugares que percorreu; as gentes que conheceu; os idiomas nos quais se expressou”, Reconheço esse compromisso no discurso de Mistral, ao receber o Prêmio Nobel em 1945, data que coincide com sua partida do Brasil, ocasião em que a autora declarou se sentir a *voz direta* dos poetas de sua raça e a indireta dos poetas de língua espanhola e portuguesa:

Por una venturanza que me sobrepasa, soy en este momento la voz directa de los poetas de mi raza y la indirecta de las muy nobles lenguas española y portuguesa. Ambas se

alegran de haber sido invitadas al convivio de la vida nórdica, toda ella asistida por su folklore y su poesía milenarias. (MISTRAL, 1945).

É interessante destacar como, nesse discurso, a intelectual valorizou o folclore e a milenária poesia, herdada pela tradição, que esteve presente em seus Recados. Nessa ocasião, Mistral também falou de América e se identificou como uma das trabalhadoras de sua cultura:

Hoy Suecia se vuelve hacia la lejana América ibera para honrarla en uno de los muchos trabajos de su cultura. El espíritu universalista de Alfredo Nóbel estaría contento de incluir en el radio de su obra protectora de la vida cultural al hemisfério sur del Continente Americano tan poco y tan mal conocido. (MISTRAL, 1945).

Pablo Neruda, no discurso que pronunciou como *Homenaje* a Gabriela Mistral pelo Prêmio Nobel de Literatura, no Senado do Chile, destacava que

Gabriela lleva en su obra entera algo subterráneo, como una veta de profundo metal endurecido, como si las angustias de muchos seres hablaran por su boca y nos contarán dolorosas y desconocidas vidas. [...] Debo también celebrarla como patriota, como gran amadora de nuestra geografía y de nuestra vida colectiva. (NERUDA, 1997 p. 60).

O Prêmio Nobel fecha a etapa de Mistral no Brasil e abre novos olhares e autopercepções sobre ela mesma e seu trabalho. A professora narradora continuou circulando pelo mundo e entregando suas letras como Recados, como ela mesma dizia, como a velha maestra que vazia sua experiência (MISTRAL, 2002).

SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, C. G. Gabriela Mistral: narrations, nostalgia and life since self-exile. **Revista de Letras**, São Paulo, v.61, n.1, p.11-21, 2021.

- **ABSTRACT:** *Gabriela Mistral, a Chilean professor, writer and intellectual (1889-1957), served as a Chilean consul in Brazil between the 1940s and 1945. This work studies especially her texts known as “Recados” (Notes), trying to understand the author as a narrator, in a Benjaminian sense (1994) - her writings present themselves as amalgam of experiences and, in metaphorical terms, as forms of resistance, since they worked as a way to prolong the life of the author in nostalgia and the displacement of self-exile. It was also through the narrations that Mistral generated bonds with others and committed herself to the production of new generations - in this case, in a symbolic way, as a teacher, intellectual and “homeland accountant”.*
- **KEYWORDS:** *Gabriela Mistral; narrations; notes; nostalgia; self-exile.*

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, W. O narrador. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- FALABELLA, S. Desierto: territorio, desplazamiento y nostalgia en Poema de Chile de Gabriela Mistral. **Revista Chilena de Literatura**, Santiago, n. 50, p. 79-96, abr. 1997.
- GAGNEBIN, J. M. Memória, história e testemunho. *In*: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. p. 83-92.
- A GRANDE poetisa Gabriela Mistral. **Jornal A Manhã**, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1943.
- GRANDÓN, O. Gabriela Mistral: identidades sexuales, etno-raciales y utópicas. **Atenea**, Concepción, n. 500, p. 91-101, 2. sem. 2009.
- MEIRELES, C. Un poco de Gabriela Mistral. *In*: EMBAJADA DE BRASIL EN CHILE (comp.). **Gabriela Mistral y el Brasil**. Santiago: Embajada de Brasil en Chile, 2005. p. 11-17.
- MISTRAL, G. Recado sobre el maestro Juan Francisco González. *In*: QUEZADA, J. (comp.). **Gabriela Mistral**: pensando a Chile: una tentativa contra lo imposible. Santiago: Publicaciones del Bicentenario, 2004a. p. 191-196.
- MISTRAL, G. Contadores de patrias: Chile o una loca geografía. *In*: QUEZADA, J. (comp.). **Gabriela Mistral**: pensando a Chile: una tentativa contra lo imposible. Santiago: Publicaciones del Bicentenario, 2004b. p. 60-70.
- MISTRAL, G. Recado sobre la cordillera. *In*: QUEZADA, J. (comp.). **Gabriela Mistral**: pensando a Chile: una tentativa contra lo imposible. Santiago: Publicaciones del Bicentenario, 2004c. p. 123-127.
- MISTRAL, G. Recado sobre el herodismo criollo. *In*: MORALES BENITEZ, O. (comp.). **Gabriela Mistral**: su prosa y poesía en Colombia. Santiago: Editorial Convenio Andrés Bello, 2002. Tomo I. p. 170-175.
- MISTRAL, G. La amistad interamericana por el libro. *In*: VARGAS, L. (comp.). **Recados para hoy y mañana**: textos inéditos. Santiago: Editorial Sudamericana, 1999a. p. 197- 204.
- MISTRAL, G. Evocación de la madre. *In*: ZEGERS, P. P. (selec.). **Gabriela Mistral**: la tierra tiene la actitud de una mujer. Santiago: RIL Editores, 1999b. p. 35-38.

- MISTRAL, G. Recado sobre una maestra argentina. *In*: SCARPA, R. E. (selec.). **Magisterio y niño**. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1979a. p. 124-135.
- MISTRAL, G. Recado de las voces infantiles. *In*: SCARPA, R. E. (selec.). **Magisterio y niño**. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1979b. p. 60- 61.
- MISTRAL, G. Belo Horizonte, capital de Minas Geraes, la ciudad creada de una sola vez. *In*: SCARPA, R. E. (org.). **Gabriela anda por el mundo**. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1978. p. 87-90.
- MISTRAL, G. Discurso de Gabriela Mistral ante la Academia Sueca al recibir el Premio Nobel de Literatura. **Universidad de Chile**, 10 dic. 1945. Disponível em: <https://www.uchile.cl/portal/presentacion/historia/grandes-figuras/premios-nobel/8962/discurso-de-gabriela-mistral-al-recibir-el-premio-nobel-de-literatura>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- MONTECINO, S. La necesidad de contar la patria o el acto del amor antiguo. *In*: QUEZADA, J. (comp.). **Gabriela Mistral: pensando a Chile: una tentativa contra lo imposible**. Santiago: Publicaciones del Bicentenario, 2004. p. 1-3.
- MORAES, D. Z.; LUGLI, G. (org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- NERUDA, P. Homenaje a Gabriela Mistral (1945). *In*: AGUIRRE, L. (ed.). **Discursos parlamentarios de Pablo Neruda (1945-1948)**. Santiago: Editorial Antártica, 1997. p. 59-60.
- NUNES, C. **(Des)encantos da modernidade pedagógica: uma releitura das trajetórias e da obra de Cecília Meireles (1901-1964) e Gabriela Mistral (1889-1957)**. Relatório de pesquisa, Niterói, 2009.
- PAÍS de ausência. **Jornal A Manhã**, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1941.
- PIZARRO, A. **Gabriela Mistral: El proyecto de Lucila**. Santiago: LOM Ediciones; Embajada de Brasil en Chile, 2005.
- SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maira Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.